



Património Imaterial: arquivos audiovisuais na construção da memória institucional

António Costa^a, Fabiano Ferramosca^b, Margarida Santos^c, Vilma Cardoso^d

^a*Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, ajcosta@letras.up.pt*

^b*Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, fferramosca@letras.up.pt*

^c*Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Portugal, mmsantos@letras.up.pt*

^d*Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Portugal, vjcardoso@fep.up.pt*

Resumo

Este projeto propõe um modelo inovador de trabalho colaborativo que amplifica o conceito de “memória escrita” para “memória audiovisual”, com o objetivo de tornar a informação mais acessível à comunidade académica e à sociedade civil. Visa preservar não apenas documentos institucionais, mas também memórias orais de indivíduos relevantes para a história da instituição. Através da recolha de testemunhos, bibliografia e arquivos diversos, cria-se uma fonte viva de memória individual e coletiva. O projeto baseia-se em duas vertentes: sincrónica, aproveitando efemérides para recolhas e exposições; e diacrónica, com entrevistas a pessoas marcantes da instituição, divulgadas em podcasts e exposições. A participação da comunidade é incentivada por canais abertos de recolha de testemunhos, com garantias legais de consentimento. Como exemplos já realizados incluem-se exposições na Faculdade de Economia e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O projeto culminará na criação de um Centro de Memória digital, que assegure a preservação e divulgação desses conteúdos, contribuindo para a construção e perpetuação da identidade institucional da Universidade do Porto.

Palavras-chave: testemunhos, memória audiovisual, arquivo audiovisual, preservação, acessibilidade.

Introdução

Daqui a 50 anos, como será contada a história da Universidade?

Apenas através de atas, relatórios e fotografias?

Ou também através da voz e do testemunho de quem a viveu?

Este projeto propõe um modelo inovador de trabalho colaborativo, centrado na expansão do conceito de “memória escrita” para “memória audiovisual”, com o objetivo de tornar a informação mais acessível à comunidade académica. Para além da preservação da documentação institucional, visa também salvaguardar as memórias orais e os testemunhos daqueles que contribuíram de forma significativa para a história da instituição. Não se trata de um estudo antropológico, mas antes da recolha de testemunhos vivos, registados a partir de perspetivas individuais amadurecidas pela distância temporal, com o intuito de os preservar e disponibilizar para memória futura.

Ao reunir bibliografia, documentos de arquivo e registos orais, o projeto constitui-se como uma fonte viva de testemunhos sobre acontecimentos marcantes e sobre as perspetivas individuais e coletivas de quem integrou a instituição ao longo do tempo.

Entre os seus principais objetivos, destacam-se: garantir o direito de acesso à informação, preservar o património informacional em todas as suas formas (escrita, visual e oral), e promover a sua divulgação através da extensão cultural de um Serviço de Documentação e Informação (SDI).

Inspirado em exemplos nacionais e internacionais, este modelo acompanha tendências já adotadas por universidades europeias e canadianas. No caso da Universidade de Montréal, esta já desenvolve atividades que se alinham com a ideia de “arquivos audiovisuais como ferramenta para memória futura”. A ligação explícita entre arquivo, memória, preservação, media digital e tecnologias — mostra que não é apenas “fazer vídeos para memória”, mas pensar sobre as práticas de conservação, acesso, reutilização e digitalização. A presença de disciplinas que refletem sobre memória cultural, identidade, arquivo audiovisual reforça a ideia de que os arquivos audiovisuais são vistos como instrumentos para o futuro da memória. A interligação arquivo-memória-futuro implica não só guardar, mas pensar o acesso, a reutilização, a forma como o arquivo contribui para a construção da identidade.

Tais exemplos demonstram a crescente importância dos arquivos audiovisuais como instrumentos de transmissão intergeracional de conhecimento.

Pretende-se assim, nesta perspetiva de documento de Arquivo, incluir não apenas o património arquivístico a nível do documento físico feito no regular funcionamento das suas funções, mas também documentos que poderão ser exteriores à instituição – ainda que sobre a mesma – englobando ainda, os testemunhos orais de pessoas que sejam consideradas relevantes para a memória da Instituição e como fonte de informação a ser transmitida e preservada.

Neste contexto, os Arquivos, ao assumirem cada vez mais um papel ativo enquanto produtores de informação, alargam o âmbito das funções que tradicionalmente lhes são atribuídas, deixando de se limitar à preservação, organização e disponibilização de documentos para passarem também a participar na criação, interpretação e difusão do conhecimento.

Com base nos exemplos apresentar, podemos identificar linhas de trabalho comuns:

- *Contexto institucional*: arquivos integrados em universidades com políticas explícitas de guarda de memória.
- *Contexto local e comunitário*: embora existam também projetos nacionais mais amplos, vemos que muitos arquivos atuam a nível local ou institucional (cidade, universidade...)

Método

O projeto centra-se em dois eixos diferentes:

- a perspetiva sincrónica, com o aproveitamento das efemérides das instituições para efetuar recolhas de documentação institucional, áudio, vídeo, digital, jornais, objetos físicos, fotografias e a entrevista de pessoas que tenham sido atores nesses momentos, ou pelo menos tenham sido testemunhas em primeira mão dos acontecimentos. Todo esse material seria depois difundido em comemorações/eventos, em exposições, palestras e nas televisões internas das instituições.

- a perspetiva diacrónica, com a recolha de testemunhos de pessoas relevantes nas instituições (diretores, reitores, professores, funcionários e estudantes) no seu percurso de vida, permitindo compreender a evolução da instituição e como o seu papel marcou e ajudou a moldá-la. Seriam assim, efetuadas

entrevistas para divulgação à comunidade através de podcasts, transcrições e ainda de futuras exposições dedicadas às figuras em destaque.

Todo este processo, implica a disponibilização de um canal aberto à participação com a recolha de testemunhos (agendamento de entrevista presencial, videoconferência/telefone, ou por escrito através de email). Seria ainda disponibilizado o preenchimento de um formulário RGPD, para garantir o consentimento dos participantes.

A exemplo do que já vem a ser adotado, esta recolha de material tem sido desenvolvida paulatinamente há algum tempo, resultando em atividades concretas de que gostaríamos de salientar dois exemplos piloto:

- a exposição “A FEP entre 1974 e 1976”, organizada pela Faculdade de Economia do Porto, a qual forneceu ainda à comunidade uma apresentação virtual da exposição através do MOPI e publicações nas redes sociais;

- a exposição “30 anos da FLUP na Via Panorâmica: do papel para o futuro”, organizada pela Faculdade de Letras do Porto. Ainda neste sentido, foi organizada uma Tertúlia, que decorreu no estúdio de televisão do Humanities Labs, com um sistema multi-câmara. O resultado final foi disponibilizado em canais de acesso público.

Conclusões

Preservar memória audiovisual implica investimento técnico, humano e financeiro. Mas implica também reconhecer que a memória institucional é um património coletivo que deve ser preservado e partilhado.

A manutenção da infraestrutura tecnológica, a atualização constante dos meios de difusão e a capacitação das equipas envolvidas são fatores essenciais para garantir não apenas a qualidade da informação recolhida, mas também o seu alcance e impacto.

Numa fase final e a médio prazo, o esforço visa culminar na criação de um *Centro de Memória* com presença digital própria, que reúna, preserve e divulgue esses conteúdos de forma acessível e sustentável, contribuindo para a consolidação da memória da Universidade do Porto como um todo.

O objetivo final não é apenas criar um arquivo. É construir um Centro de Memória vivo, acessível digitalmente, capaz de preservar não só os documentos da Universidade, mas também as experiências, vozes e identidades que lhe deram forma.

Porque preservar memória não é apenas guardar o passado — é garantir que o futuro o possa compreender.